



Prefácio
JORGE SAMPAIO

O NÚNCIO PORTUGUÊS

Biografia do Cardeal Monteiro de Castro

ROSÁRIO LIRA

Lucerna

O Núncio Português

Biografia do cardeal Monteiro de Castro

Título

O Núncio Português – Biografia do cardeal Monteiro de Castro

Autora

Rosário Lira

Edição e copyright

Lucerna, Cascais

1.^a edição – Março de 2018

© Príncípa Editora, Lda.

Design da capa Rita Maia e Moura

Execução gráfica www.artipol.net • **Depósito legal** 438521/18

Lucerna

Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal

Tel.: +351 214 678 710 • Fax: +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.principia.pt



Rosário Lira

O Núncio Português

Biografia do cardeal Monteiro de Castro

com prefácio de
Jorge Sampaio



PREFÁCIO

Ler uma biografia é como entabular uma longa conversa com um desconhecido que, com o passar das páginas, se vai tornando uma pessoa próxima do leitor, pelo conhecimento que este adquire sobre a vida e a personalidade do biografado.

De alguma forma, as biografias permitem alargar o nosso círculo de amizades, prováveis ou improváveis, de tal forma criam um espaço muito próprio de encontros e diálogos, permitindo o confronto com «o outro» na sua singularidade, mas também na universalidade das emoções e situações humanas.

Ao escolher-se uma determinada biografia para companhia das horas de lazer ou se busca saber mais sobre uma pessoa, cuja trajectória de vida ou personalidade exercem já particular fascínio, ou se procuram nomes mais ou menos desconhecidos, mas que despertam curiosidade por uma variedade de razões. É assim que, em geral, alternamos a leitura de sucessivas biografias sobre o pequeno círculo dos nossos heróis íntimos, personagens de referência e figuras tutelares das nossas vidas com a da descoberta, sempre cheia de surpresas e quase sempre encanto, de personalidades mais ou menos desconhecidas sobre as quais uma ou outra indicação avulsa ou uma

recomendação ou ainda algum conhecimento parcelar nos impelem a uma aproximação.

E, naturalmente, através das biografias, há também um manancial de informações que se adquirem sobre o tempo do biografado, a história, as práticas e relações sociais, bem como os usos e costumes de uma época. E, claro, aprende-se também a ganhar perspectiva e recuo, a perceber melhor como construímos o nosso presente, preparamos o futuro e lidamos com o passado, como se formam as memórias, se afirmam personalidades e estilos de vida e como a nossa visão do mundo se desenvolve e consolida ao longo da existência.

Posto isto, a biografia de D. Manuel Monteiro de Castro, em boa hora preparada pela jornalista Rosário Lira, em celebração do seu octogésimo aniversário, é como um indeclinável convite a uma viagem no tempo e no espaço na companhia do «Núncio Português».

Confesso que ao iniciar esta leitura me senti como que embarcado no velho Sud-Express, que, de resto o próprio D. Manuel Monteiro de Castro apanhou na Pampilhosa da Serra nos idos de 1961 quando, depois de ter concluído brilhantemente o curso de teologia e de ter sido ordenado sacerdote em Braga, rumou para Roma para cursar direito canónico e diplomacia. Curiosamente, tendo eu pró-

prio raízes familiares no Minho por parte da minha família paterna e sendo pouco mais ou menos da idade de D. Manuel Monteiro de Castro, dei comigo a imaginar-me na sua companhia ao longo desta hipotética viagem conjunta que, a partir de 1967, se alargaria ao palco do vasto mundo, incluindo destinos tão longínquos como o Panamá, Guatemala, Vietname, Camboja, Austrália, México, Bélgica, Antilhas, Honduras, El Salvador, África do Sul e, por fim, Espanha, postos que se foram sucedendo ao longo da sua notável carreira como diplomata da Santa Sé.

As nossas vidas, pelas coincidências apontadas, até se poderiam ter cruzado, mas de facto seguiram um rumo paralelo no tempo, sem nunca se encontrarem, porventura porque a bifurcação deu-se num plano mais profundo das opções de vida e do destino.

D. Manuel Monteiro de Castro, embora sendo «um homem do Direito» como se diz na sua biografia, foi sobretudo, como o próprio afirma «um soldado do Senhor», pelo que conclui «devo cumprir com o que ele manda e procurar que os outros cumpram também». Nesta afirmação está definida, creio, a bússola com que pautou a sua vida inteiramente ao serviço da Igreja, na convicção inabalável de que, dessa forma, poderia outrossim fazer alguma coisa pela humanidade.

Para mim, como contemporâneo de D. Manuel Monteiro de Castro, mas oriundo de um horizonte completamente estranho ao seu, fundado em valores solidamente republicanos e laicos, o aspecto mais interessante da sua vida e personalidade é precisamente este, o de ter sido, não só um homem da Igreja profundamente comprometido com a sua missão sacerdotal e o sentido de obediência doutrinal, mas também um firme defensor da dignidade da pessoa, dos direitos universais, da liberdade, da justiça e da paz.

Nas palavras do cardeal Cañizares Lavera e seu amigo «a maior preocupação de D. Manuel Monteiro de Castro é e sempre foi servir a igreja e ajudar a que a igreja sirva os homens», a qual este definia, de resto, como “uma igreja próxima dos problemas sociais, humanos e familiares e económicos».

Por seu turno nomeado cardeal por decreto do Papa Bento XVI em 2012, a reacção de D. Manuel Monteiro de Castro foi marcada pelo seu habitual timbre de humildade, tendo confessado que «não esperava esse reconhecimento porque quando se dedica uma vida à Igreja é para servir e não para ter distinções». No entanto, cumpre ver nesta distinta nomeação, tal como expresso na carta enviada pelo sumo pontífice a D. Manuel Monteiro de Castro, o reconhecimento do

papel da sua vida de excepção dedicada à representação da Santa Sé no exterior e no próprio Vaticano.

Como português, seu concidadão e contemporâneo, foi uma honra e um gosto ter tido D. Manuel Monteiro de Castro por companhia nesta viagem conjunta que a leitura da sua biografia me proporcionou. Bem-haja!

Muitos parabéns pelo seu octogésimo aniversário!

Lisboa, 27 de fevereiro de 2018

Jorge Sampaio
Presidente da República (1996-2006)

INTRODUÇÃO

Tendo completado 80 anos de idade, o cardeal Manuel Monteiro de Castro deixou de ter funções atribuídas pela Santa Sé e só por isso aceitou publicar as suas memórias.

Mais do que uma biografia, este livro é uma história de vida, a história de uma missão, contada por ele, pelos amigos, pela família e por antigos colaboradores, com recurso a notas escritas à mão e gastas pelo tempo, artigos de jornais, discursos e cartas.

Desses seus 80 anos, 56 foram passados a servir a Igreja e a seguir a Providência Divina.

D. Manuel Monteiro de Castro nunca recusou uma missão, nunca se lamentou. Apenas gostava de ter tido mais tempo para rezar.

É um diplomata. Não deixa fechar uma porta. Não deixa uma ponte cair. A sua ação na construção da paz em El Salvador foi fundamental.

Mas também é um pastor, um «soldado do Senhor». Desde muito cedo assumiu o desejo de ser padre, um bom padre, como dizia. Não ficou sentado a assistir. Ajudou a construir casas e escolas, visitou os doentes nos hospitais, soube escutar e encontrar a palavra certa no momento difícil. Salvou vidas, muitas vidas e o povo do Vietname sabe bem disso.

Nunca virou a cara a um problema e nunca se absteve de apresentar a sua opinião mesmo em questões fraturantes. Olhava nos olhos, falava de forma direta e clara. Foi discreto na ação mas eficaz nos propósitos.

Não é um filósofo nem um pensador. É um homem do Direito que assenta as suas intervenções em dados concretos, na história e em citações.

Mas nem por isso deixa de se emocionar quando fala de quem gosta, daqueles que preencheram a sua vida enquanto menino e sacerdote. A mãe, a avó e João Paulo II são referências que guarda com especial carinho.

D. Manuel Monteiro de Castro nasceu em Portugal, numa aldeia do Alto Minho, mas é um homem do Mundo e da Santa Sé. A notoriedade e a relevância do seu trabalho foram ganhas no estrangeiro. E também por isso muitos factos acabaram por se perder no tempo. Ficaram por lá na memória dos edifícios e das pessoas que partilharam com ele o dia-a-dia no Panamá, na Guatemala, no México, na Bélgica, no Camboja, no Vietname, na Austrália, nas Antilhas, nas Honduras, em El Salvador, na África do Sul e em Espanha.

Para muitos portugueses, é uma personalidade desconhecida e não faz sentido que assim seja. D. Manuel Monteiro de Castro esteve sempre ligado a Portugal e a cada mudança de missão era inevitável pensar num regresso.

Mas a providência e as lideranças tinham outros planos, novos desafios para criar novas transcendências.

Os próximos capítulos recuperam momentos da vida do cardeal Monteiro de Castro que se foram sucedendo, ajudando a perceber o seu percurso de criança, jovem seminarista e universitário, de bispo e núncio a cardeal, em diferentes espaços físicos e em diferentes momentos da história, de Pio XI a Francisco, de 1938 a 2018.

CAPÍTULO I

A INFÂNCIA NA ALDEIA

Esta é a história de um homem que, desde que assumiu a vocação para ser padre, dedicou a sua vida a representar os interesses da Santa Sé no exterior, a ser pastor entre os mais necessitados em períodos de guerra e de conflito social, a gerar consensos, a promover o diálogo e a fomentar o bem-estar entre todos.

Manuel Monteiro de Castro nasceu a 23 de março de 1938, às 10.00 horas, em casa dos avós, em Santa Eufémia de Prazins, freguesia do concelho de Guimarães.

Oficialmente, 29 de março de 1938 é o dia do seu nascimento, porque só nessa data foi registado pelo pai. Na altura era frequente fazer o registo apenas alguns dias depois e no caso de D. Manuel também foi assim; acresce que o pai quis registá-lo no dia do aniversário da mãe.

Foi batizado no dia 3 de abril para que o seu único tio materno, Manuel Duarte Monteiro, e a mulher, Casimira de Sousa Monteiro, pudessem vir do Porto a Prazins para serem os padrinhos de Manuel, o Nené, como passou a ser chamado.

Santa Eufémia de Prazins é uma pequena aldeia situada entre o rio Ave e o rio Selho, a 7 km de Guimarães e a 15 de Braga.

Quando D. Manuel Monteiro de Castro nasceu, em pleno Estado Novo, Santa Eufémia de Prazins era uma aldeia isolada do Alto Minho, com pouco mais de 40 casas, sem luz e sem água canalizada e onde, tal como noutras aldeias, o papel do padre era determinante para a vida das pessoas.

A padroeira, como o próprio nome indica, é Santa Eufémia, celebrada a 16 de setembro. Prazins remonta ao tempo dos Romanos e constava do inventário do Mosteiro de Guimarães de 1059 como uma das vilas dadas por carta por Paio Gontemires. Só começou a chamar-se Prazins, em vez de Prazim, como aconteceu inicialmente, depois do século XIII.

D. Manuel Monteiro de Castro foi o segundo de cinco filhos do casal Rosa da Silva Monteiro e António de Castro Costa. Rosa e António casaram a 29 de julho de 1935. Ela tinha 18 anos e ele 21. António era um jovem empreendedor, do Paço, São João da Ponte. Combinaram que, se ele ficasse livre da tropa, casariam, e assim foi.



Os irmãos de D. Manuel Monteiro de Castro. Joaquim figura à sua esquerda.
Em pé, da direita para a esquerda: Fernando, Conceição, António.
Fotografia tirada quando o cardeal completou 70 anos de idade

Joaquim Monteiro de Castro, o irmão mais velho, professor, nasceu a 12 de outubro de 1936. Recebeu o nome de Joaquim em memória do avô materno, Joaquim Duarte Monteiro. O cardeal diz muitas vezes que «ele teria dado um bom padre», mas, apesar de ter estado no seminário com o irmão, não foi esse o caminho que seguiu. Aos 17 anos, confessou que «tinha a mente muito baralhada. O reitor chamou-me e disse-me: “O senhor vai-se embora”». Era Páscoa. Ao chegar a casa, com muito custo contou à mãe, e a primeira coisa que ela fez foi levá-lo ao Sameiro.

Maria da Conceição Monteiro de Castro, a irmã que sempre esteve mais presente na vida do cardeal e na sua carreira, é médica e nasceu a 21 de junho de 1949. Depois veio ao mundo António Monteiro de Castro, engenheiro, no dia 15 de julho de 1952. D. Manuel Monteiro de Castro é também seu padrinho.

O mais novo dos irmãos chama-se Fernando, e é o empresário da família. Nasceu a 18 de outubro de 1956, já quando D. Manuel tinha 18 anos e por isso o relacionamento não foi tão próximo, acabando por estar limitado ao tempo de férias.

Tiveram ainda mais dois irmãos, que não sobreviveram. Um foi nado-morto aos sete meses de gravidez, na véspera de Natal, e o outro, gémeo de Joaquim Monteiro de Castro, foi nado-morto.

A família constitui um dos pilares da vida de D. Manuel Monteiro de Castro. É com ela que procura estar sempre que pode e foi para junto dela que, durante muitos anos, ambicionou partir quando fosse dispensado das suas tarefas no Vaticano.

Para o irmão mais novo, Manuel tem sido o operário que faz crescer o «cimento» que mantém a família unida em todos os momentos. «Ele sempre nos sensibilizou para o facto de que, estando todos unidos, temos uma força diferente».

Entre os irmãos é unânime a relevância que Manuel tem na união da família nos bons e nos maus momentos, como uma marca humana e religiosa envolvente e conciliadora. Uma herança que pode bem ter recebido do pai, homem de muitas regras, severo, que não permitia a existência de problemas entre os irmãos.

Ao longo da sua vida, apesar de distante de casa, os irmãos têm procurado estar presentes nos momentos mais relevantes, e D. Manuel

mantém uma relação especial e de maior proximidade com a irmã. Conceição sempre tentou ir ao encontro do irmão nos quatro cantos do Mundo, levando-lhe um pouco do conforto da terra natal.

Os sete sobrinhos também nunca dispensaram a sua companhia, sobretudo para ouvirem as histórias que guarda dos lugares por onde passou, mas também para pedir conselhos.

Quem privou de perto com ele sabe que D. Manuel Monteiro de Castro parece saber dizer a palavra certa no momento exato.

Santa Eufémia de Prazins manteve sempre presente a ligação do filho da terra que partiu para o Vaticano e daí para o mundo. O busto do cardeal destaca-se à chegada ao centro da aldeia, junto da igreja, mesmo ao lado do centro social a que foi dado o seu nome: Centro Social Dom Manuel Monteiro de Castro. Trata-se de uma IPSS criada em 1992 para suprir as carências sociais da freguesia que atualmente dá apoio a crianças, idosos e presta ainda apoio domiciliário. Situa-se na Rua Padre João Moreira Leite. No dia 15 de setembro de 2001, foi descerrada pelo presidente da Câmara Municipal de Guimarães, António Magalhães, na presença da presidente da junta, Elvira Fertuzinhos, a placa com os símbolos heráldicos da freguesia e o painel anunciador da construção do centro social.

O centro foi inaugurado em 2005 na presença de D. Manuel Monteiro de Castro. Um dos promotores da iniciativa foi Joaquim Monteiro de Castro, irmão mais velho do cardeal, que na altura era presidente da assembleia de freguesia. O projeto começou com dinheiro da junta e do pai de D. Manuel, que sempre teve o objetivo de contruir um centro social na freguesia. A gestão do centro foi entregue a Elvira Fertuzinhos.

Depois da empresa da família, a Monteiro de Castro, o centro social é o segundo empregador da freguesia.

D. Manuel Monteiro de Castro não nasceu em berço de ouro, mas também não passou dificuldades e cresceu sempre num ambiente em que a educação e a formação eram valores prioritários, cultivados sobretudo pela mãe, que teve um papel determinante nas opções do futuro cardeal, e pela avó, que o acompanhou no aspeto religioso. Foi dela, da avó, que herdou a devoção a Nossa Senhora do Sameiro e é com a voz embargada pela emoção e pela saudade que recorda

como todas as noites, antes de dormir, através da janela pequenina do seu quarto, via ao fundo a luz do Santuário do Sameiro, que se destacava na escuridão. Nesses momentos, com a avó ao lado, rezava uma avé-maria.

Chegou mesmo a escrever sobre o assunto como se a terceira pessoa se referissem as suas memórias: «Era um acolhedor pequeno cubículo de quatro metros de comprimento por dois de largura. A confortável cama estava no centro, tendo ao lado direito da cabeceira uma mesinha de madeira de castanho, envernizada e coberta com um placa quadrada de mármore branco de um palmo e meio; ao lado esquerdo estava a porta, de madeira maciça de eucalipto que dava para o corredor. Em frente tinha o quarto da avozinha».

Mas a janela do quarto «com três filas de vidros brancos de um palmo quadrado» era o centro do mundo no seu pequeno aconchego. Duas portadas de madeira de eucalipto colocadas do lado de dentro da janela «davam tom de noite escura».

«Da janela via-se o quintal do tio António Fernandes (Chelinho), a casa de Pedraído de Baixo, da Sra. Laura Antunes, terrenos do Sr. José Fernandes (Ferruge) que vivia em Lisboa, o quintal da avozinha e parte da casa, as quintas de Pedraído, do Poço, do Reguengos, da Mota e de Segade, cujos campos eram fertilizados pelas cristalinas águas do rio Ave, enriquecidas pela valiosa variedade de sais que adquiria na sua mansa descida da serra da Cabreira, serpeando montanhas e colinas até chegar aos vales de Souto».

Era ainda através dessa pequena janela que «via já para além do rio São Cláudio do Barco, Santa Cristina e ao longe as montanhas da Falperra, de Santa Marta e do Sameiro que quase tocavam o céu, demarcando Guimarães de Braga».

«Nas noites claras as estrelas e a lua cheia deixavam contemplar à distância as águas do ribeiro de Segade que vinham dos montes de Prazins e, juntando-se às do rio Ave, lá iam devagarinho para serem acolhidas em Vila do Conde, pelo Atlântico, essa massa de água imensurável que vai do polo norte ao polo sul, separa e dá vida aos continentes americano, europeu e africano. Pois o sol aquece-a obrigando-a a evaporar-se e a formar as nuvens. Os ventos levam as nuvens carregadas de hidrogénio, condensando-as e quando, no ponto

Desde muito cedo assumiu o desejo de ser padre, um bom padre. Não ficou sentado a assistir. Ajudou a construir casas e escolas, visitou os doentes nos hospitais. Salvou vidas, muitas vidas. Nunca virou a cara a um problema e nunca se absteve de apresentar a sua opinião, mesmo em questões fraturantes. Olhava nos olhos, falava de forma direta e clara. Foi discreto na ação, mas eficaz nos propósitos.

Para muitos portugueses, é uma personalidade desconhecida e não faz sentido que assim seja. Por isso este livro propõe-se dar conta da sua vida singular e das muitas experiências que enriqueceram a história da sua missão, contada por ele, pelos amigos, pela família e por antigos colaboradores, com recurso a notas escritas à mão e gastas pelo tempo, artigos de jornais, discursos e cartas.

Ficaremos a conhecer assim melhor a personalidade e a vida singulares do cardeal português D. Manuel Monteiro de Castro, um insigne pastor e «soldado do Senhor».

www.principia.pt

ISSN 078-060-8800-47-6



9 789898 809476

